



## QUO VADIS, ÁFRICA?

**Therezinha de Castro**

*Professora de História no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e Geógrafa do IBGE.*

### 1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS

#### a) Origem do Topônimo

A região de Tunis onde esteve Cartago, a colônia fenícia vencida e varrida do mapa pelos romanos, transformou-se numa província de Roma chamada *Africah*, topônimo que se generalizou por toda a costa norte e, transformado na palavra África, passou a designar todo o continente.

#### b) Caracterização

Faz parte do Velho Mundo juntamente com a Europa e Ásia, sendo a África considerada, na realidade, como *gigantesca península da Eurásia*.

Encontra-se soldada à Europa e Ásia nas ribeiras do Mediterrâneo; e, se entre a Europa e Ásia os Urais são admitidos como fronteira geohistórica, entre os continentes asiático e africano essa fronteira se encontra no *rio Nilo*. Notamos, assim, que a *abertura de Suez (1869)* deu maior isolamento à África, transformando o Mediterrâneo num "mar de trânsito"; deu maior *importância a Gibraltar*, passando Dardanelos e Bósforo para um segundo plano; e caracterizou ainda mais a África como "*continente-ilha*", envolvido pelas águas do Mediterrâneo, Índico e Atlântico.

Comparando-se essa característica de "continente-ilha" da África com a América, nota-se que o nosso continente é bem mais ilhado. Isto porque cerca de 2/7 do litoral africano se aproximam bastante da Europa e Ásia por serem, na escala mundial, bastante modestos, os mares Mediterrâneo e Vermelho.

Assim o *norte ou Maghreb* fez sempre parte do núcleo geohistórico europeu ou asiático, se nos reportarmos às expansões greco-fenícia, romano-cartaginesa e islâmica. A *costa do Índico*, com o agente natural dos ventos monçônicos levou sempre a África Oriental, desde tempos remotos, a se unir com a Ásia Meridional. A maior costa do continente africano, a do *Atlântico*, foi, na realidade, a *grande barreira natural*, notadamente até o se intensificar das grandes navegações; assim, a África-Atlântica só se transformou em área de comunicação marítima importante, no âmbito das Relações Internacionais, com a descoberta da rota do Cabo em 1498.

Concluimos, assim, que o Índico projetou geohistoricamente o Atlântico-Sul, pois, como afirma Canabarro Reichard: "o oceano foi sempre um só através da História, porém para os efetivos propósitos humanos foram dois, o de leste e o de oeste, até ser contornado o Cabo da Boa Esperança". (A Geopolítica e a Consciência Geográfica da Nação).

No Índico estavam as Índias, de onde vinham os fabulosos lucros das especiarias; no Atlântico-Sul se defrontavam as costas africana e sul-americana, simples pontos de apoio para aguadas ou feitorias para o comércio de retorno.

No âmbito do Império Português, que se estendia do Índico ao Atlântico-Sul, a África-Oriental passava a ser circunavegada através do Índico com a finalidade de se chegar às Índias, onde Goa se tornara o centro vital do comércio lusitano; vemos, assim, que, ainda hoje, na África Oriental, vários topônimos derivam de Goa como, por exemplo, Algoa e Delagoa. Já a África Ocidental ou Atlântica ficaria muito unida ao Brasil, graças à navegação triangular com Lisboa, dotando nosso país de grandes contingentes negros.

### c) Posição e Posicionamento

Com uma área de aproximadamente 30.000.000 km<sup>2</sup>, a África é, como a América do Sul; um *continente compacto*, dentro da classificação de Renner, visto haver equilíbrio na distância de seus pontos extremos, mede a África de norte a sul (Cabo Branco e das Agulhas) perto de 8.000 km e de leste para oeste (Cabo Verde e Guardafui) cerca de 7.500 km.

Cortada, como o nosso continente, pelos *trópicos de Capricórnio, Câncer e equador terrestre*, contrasta com a América do Sul por ter, ao contrário desta, mais da metade de sua área no hemisfério norte. Terminando na altura dos 35° de latitude sul, mais ou menos no alinhamento de Montevidéu, é a África o *continente mais afastado da Antártica* (6.000 km), enquanto a América do Sul é o que mais se aproxima (4.000 km).

Vê-se, pois, que *4/5 do território africano se envolvem nos trópicos*; e sabendo-se das grandes possibilidades de produção agrária concentrada nas áreas tropicais de temperaturas constantes, podemos avaliar o papel da África. Detentora de 43% de todos os territórios tropicais, a África Tropical propriamente dita abrange

cerca de 20.000.000 km<sup>2</sup> contra 17.000.000 km<sup>2</sup> da América e apenas 9.000.000 km<sup>2</sup> da Ásia.

## 2 – FISIOGRAFIA

Carecendo de grandes acidentes litorâneos, a *costa africana é retilínea e pouco articulada*. Têm destaque apenas duas grandes saliências — o *Atlas ou Berbéria* na África Ocidental e a *Cornucópia Africana* na parte oriental; e apenas uma notável reentrância na zona do Atlântico vulgarmente conhecida como *golfo da Guiné*. Por se constituir em simples chanfradura na costa atlântica, formando ângulo reto entre o equador e o paralelo de 10<sup>o</sup> de latitude norte, não é classificado por alguns geógrafos como autêntico golfo.

A chanfradura da Guiné dota a África de dois setores distintos: o do norte, grosseiramente quadrangular, e o do sul, triangular; em ambos os setores distinguem-se *duas grandes barreiras formadas pelos desertos do Sahara e Kalahari*. O Sahara ocupando 7.500.000 km<sup>2</sup>, pouco menor que o Brasil (8.513.844 km<sup>2</sup>), é cortado pelo trópico de Câncer; bem menor é o Kalahari com seus 120.000 km<sup>2</sup> correspondentes mais ou menos à área de nosso Território do Amapá (177.303 km<sup>2</sup>).

Concluimos que, entre outros fatores, foi o Sahara, como barreira próxima ao Mediterrâneo, que desencorajou os europeus, no alvorecer da Idade Moderna, a colonizar a África; conseqüentemente, contribuiu, embora indiretamente, para que a América fosse antes colonizada, apesar de mais afastada da Europa.

Em contrapartida a costa africana desencorajou de um modo geral o elemento colonizador, sendo inúmeros os relatos, em especial dos pioneiros portugueses, sobre os sérios problemas que a navegação enfrentava, quer pela ausência de bons portos ou abrigos regulares para embarcações, quer pelas correntes marítimas, quer pelas calmarias.

Um terceiro fator viria contribuir também para que o colonizador procurasse primeiro as terras americanas — a *configuração maciça da África*. O relevo africano é caracterizadamente planáltico com altitude *média de 600 metros*, correspondendo ao dobro da Europa. Embora sem apresentar uma só cadeia de montanha que se possa comparar às da América, Ásia e até mesmo Europa, a área planáltica africana, com situação marginal, contribuiu para a quase ausência de planícies costeiras. Foi este aspecto fisiográfico, em particular, que isolou a África transformando-a num *"continente fechado"*. Por isso, quando Napoleão Bonaparte, ao se iniciar o século XIX, chegou ao Egito, os conhecimentos sobre o continente africano não iam muito além dos 600 km de costas, e, mesmo assim, nos lugares mais favoráveis.

Antes da invenção do automóvel e do avião, a impenetrabilidade da África manteve-a praticamente desconhecida. E não é exagero quando se diz que foi o primeiro vôo sobre a África, realizado em 1912 por Chalmers Mitchell, que marcou um conhecimento mais generalizado do continente. Donde concluímos com Delgado de Carvalho que: "A função geopolítica da África, continente ligado ao Heartland ou Ilha Mundial sul asiática, tem evoluído no decorrer da História, adaptando-se às

necessidades do momento e às condições criadas pelo progresso humano. De fato, são principalmente os meios de comunicação e de transporte que determinaram a geopolítica africana". (África — Geografia Social, Econômica e Política).

Em ângulo fisiográfico mais particularizado, a África pode ser dividida em duas grandes regiões: a África Alta, ocupando o norte e o oeste, e a África Baixa, ocupando o leste e o sul.

Na África Alta estão as *fossas tectônicas* ocupadas pelos lagos africanos — Tanganica, Niassa, Rodolfo, dos quais difere pela forma e origem o Vitória, numa altitude de 1.134 metros em área superior à do nosso Estado da Paraíba (68.800 km<sup>2</sup> contra 56.556 km<sup>2</sup>).

É na África Alta que se estende, emergindo do planalto, a *Cordilheira Oriental Africana*, onde se alinham os três mais altos picos do continente, dotados de neves eternas: *Kilimandjaro* (5.890 metros), *Quênia* (5.195 metros) e *Ruwenzori* (5.119 metros). Notando-se que nenhum deles alcança a altitude de vários espalhados pelo Andes.

À medida que se caminha para o sul, as altitudes vão decaindo na África Alta, visto que no *Drakensberg* os pontos mais altos não ultrapassam os 3.600 metros.

Na África Baixa os lagos se situam em *depressões* formadas por planaltos; são verdadeiras bacias fechadas chamadas de *pailas* no sul e *chotts* no norte. A mais digna representante desse tipo de bacia é a do lago *Tchad* alimentado pelo rio *Chari*.

Comparando-se, podemos concluir que enquanto a África Alta se encontra em sua quase totalidade voltada para o Índico, a África Baixa busca o Atlântico. Nesse posicionamento a África se assemelha à América do Sul com seu "destino manifesto" muito mais voltado para o Atlântico do que para o Pacífico.

Por outro lado, a hidrografia africana contrasta com a da América. Em nosso continente, as bacias hidrográficas, sobretudo as tributárias do Atlântico — a do Prata e a do Amazonas, favoreceram a penetração. Lá, as bacias que fluem para o Atlântico ou Índico têm que abrir passagem através de profundas gargantas, despencando em quedas de um escalão para outro do planalto. Particularizando podemos dizer que a *bacia do Congo*, caudalosa como a do Amazonas, situadas ambas na linha do equador, só pode ser penetrada normalmente em cerca de 150 km enquanto a nossa em 1.500 km de distância do Atlântico.

O aspecto acidentado dessas bacias confere à África o título de "continente das cataratas"; e nesse contexto bem podemos imaginar a riqueza que encerra em potencial hidroelétrico. Conclui-se ainda que os rios africanos, de um modo geral, ao contrário do que ocorre nas demais partes do mundo, não desempenharam o seu papel geohistórico natural como vias de comunicação e portas de acesso. Ligeira exceção pode ser encontrada no rio *Nilo*, que no entanto só foi durante muito tempo percorrido até a primeira catarata.

Contrastando com tantos fatores fisiográficos adversos, as ilhas litorâneas, mais fáceis, por seu posicionamento, de serem defendidas e ocupadas, serviram de trampolins para o estabelecimento posterior na zona costeira. Bolama, por exemplo se constituiu no núcleo geohistórico da Guiné-Bissau; Goré (arquipélago de Cabo Verde) foi o ponto de partida para o controle do Senegal; tendo tido funções idênticas as Canárias, as ilhas de S. Tomé, Príncipe, Fernando Pó e Anobóm no Atlântico, bem como Zanzibar e Pemba no Índico. A estas se superpôs Madagascar, que viveu sempre no seio vivificante do Índico, exercendo, no seu isolamento, o mesmo papel geohistórico das montanhas, no refúgio das culturas e tradições.

### 3 - CONQUISTA E OCUPAÇÃO

Tal como ocorreu na América, foram também as portuguesas e espanhóis os pioneiros modernos na conquista da África.

Chegando a Ceuta (1415), os portugueses estabeleciam seu marco inicial para a conquista do Atlântico-Sul. Assim diz Jaime Cortesão: "A conquista e ocupação desta cidade, testa duma estrada comercial para a região do ouro, chave do estreito, comporta do comércio do Levante com o Ocidente, sentinela e guarda avançada contra as incursões dos consórcios muçulmanos às costas portuguesas, foi, segundo cremos, uma espécie de prólogo ao vasto plano de expansão, medida prévia de segurança e primeira etapa necessária ao longo caminho a empreender... Nessas condições, geopoliticamente, Ceuta deve ser considerada como a porta de três mundos - o mediterrâneo, o atlântico e o africano... Mas, de súbito, vê o pequeno povo português, sua vizinha pelo ocidente - Castela - ultrapassar as costas peninsulares e criar uma cabeça-de-ponte em Marrocos. Daí por diante, Castela espiará com ciúmes os movimentos sempre suspeitos e secretos dos portugueses". (A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino.)

Eis aí o *pivot* da chegada de Colombo à América, eis aí o *pivot* do Tratado de Tordeilhas, que transformou por algum tempo, como autêntico ato geopolítico, o Atlântico-Sul num "mare nostrum" português. "Mare nostrum" que não se manteve pela entrada dos holandeses, ingleses e franceses na corrida dos mares. Esses três povos tentaram a conquista do Brasil, sem resultados positivos, mas em contrapartida, antes mesmo que o hinterland africano fosse conhecido, os melhores trechos da África-Atlântica haviam caído em suas mãos.

No transcurso de quatro séculos a América foi redescoberta, explorada e colonizada. E só quando no século XIX essa América se emancipava politicamente, chegava a vez da África. Nos primeiros cinqüenta anos do século XIX a África foi redescoberta, explorada e preparada para uma colonização que não chegou a se efetivar como na América, pelo curto espaço de tempo. Enquanto Tordeilhas limitou a dois colonizadores o espaço americano, o Congresso de Berlim (1884-85) transformou a África num autêntico mosaico étnico-colonial, repartindo-a entre portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, belgas, alemães e italianos. Tordeilhas (1494) consagrou o direito histórico que Berlim anulou. Em Berlim, pois, está a origem da transformação da África numa "colcha política de retalhos".

Em se tratando de *civilizações autóctones africanas* antes da chegada do colonizador moderno, destacou-se logo a *egípcia*, integrante culturalmente do "Crescente Fértil". Assim, durante toda a Antiguidade e Idade Média a maior parte dos africanos estabelecidos no norte fez parte da civilização mediterrânea. Isso desde a fundação das colônias fenícias (século VIII a.C.) até a conquista árabe (século VII a.C.). A ocupação do norte africano pelos *romanos*, embora considerada por alguns historiadores como mero incidente da História, teve como consequência facilitar a *propagação do Cristianismo*; este, porém, foi praticamente eclipsado pelo islamismo, tendo subsistido apenas no "copta", uma forma original de Cristianismo existente entre os egípcios.

Entre o Sahara e o Kalahari estendiam-se as *civilizações negras*. Contrastando com o que ocorreu na América do Sul, com suas civilizações mais adiantadas no lado do Pacífico, as principais civilizações negras se localizavam no setor Atlântico. Os haussás, os peuls, os akans, os yorubas, dentro de verdadeiro mosaico étnico, com suas línguas ou dialetos próprios, e seus costumes peculiares, jamais conseguiram implantar um grande Estado de longa duração.

Os *Reinos de Ghana, Senghói, Mali e Kanen* são os mais conhecidos, embora existam menções a outros Estados dominadores. Caracterizava esses *Estados Militares* a vida em algaras para a obtenção de escravos. Por isso, outros grupos menos fortes, como os hotentores e boshimanos, por exemplo, foram repelidos para zonas de refúgio nas florestas, pântanos e até para o Kalahari. No contexto, porém, é interessante ressaltar que nem ao norte do Sahara, nem ao sul do Kalahari existiram civilizações negras. Na África do Sul os colonizadores holandês e inglês antecederam os negros.

Vivendo dentro do *sistema tribal*, foi essa linha de Estados Militares que mais serviu, de início, aos europeus, fornecendo-lhes *escravos embarcados para a América*. As cifras de negros vindos para a América são avaliadas (embora de modo muito impreciso) em 15 ou 20 milhões de pessoas. Essa perda humana produziu queda demográfica equivalente à econômica, visto que esses Estados abandonaram suas atividades agrícolas para viver da guerra. Praticavam a guerra não só para fazerem cativos, mas também para a defesa da própria liberdade. No auge do comércio negreiro não se respeitavam mais nem os reis ou chefes; todos podiam ser apreendidos.

Foi nesse período que remanescentes desses Estados Militares, embora decadentes, *tentaram bloquear a entrada dos europeus no continente*. Tal como as tribos de índios americanos que foram para o interior fugindo do colonizador, tribos negras se internaram nas florestas. No século XIX generalizava-se esse ditado africano — "a selva é mais forte que o canhão do homem branco". Há apenas em parte uma verdade nisso, pois o branco que conquistou a África não conseguiu colonizá-la, tal como aconteceu na América.

Conclui-se assim que no momento em que as nações vencedoras de Napoleão se reuniam em Viena para nova partilha da Europa, a América se separava politicamente de suas metrópoles e a África passava a ser encarada mais seriamente pelo

européu. No último caso, o exemplo mais concreto é o fato de a Inglaterra ter conseguido se instalar estrategicamente na Colônia do Cabo.

A América, que alimentara a revolução comercial iniciada no século XV, veria a conquista da África ser efetivada no século XIX para alimentar, com suas matérias-primas, a revolução industrial.

À semelhança do que ocorreu na América, a conquista político-territorial da África provocou uma série de conflitos. Na América do Sul a zona de fricção se concentrou no Prata; na África em pontos mais generalizados, visto serem mais numerosos os contendores. Na África, porém, ficaria patenteado que a segurança do branco dependia, em grande parte, de sua união contra o negro. Donde podemos observar que no continente africano só por duas vezes os reajustes territoriais provocaram guerras: a dos boers (entre ingleses e holandeses) e a Primeira Guerra Mundial, que apresentou, entre outras causas, a questão marroquina entre a França e a Alemanha.

Em se tratando da partilha da África concluímos também que à semelhança do ocorrido em Tordezilhas, os diplomatas europeus reunidos em Berlim também não tinham conhecimentos fundamentais sobre o continente africano. Daí haver uma África Política, tal como a América, cortada por fronteiras esboçadas, ou seja, traçadas no mapa sem o prévio conhecimento do terreno.

Por outro lado, o elemento humano foi bem mais olvidado na África do que na América. Sabemos que aqui os Vice-Reinos da Nova Espanha e do Peru procuraram respeitar os impérios asteca e incaico. Na África, cada colônia se baseou na ocupação ou reclamação reivindicatória de alguma zona costeira por parte dos colonizadores. Levando-se em conta esse fato de cada núcleo colonial corresponder ao estabelecimento costeiro, o traçado das fronteiras políticas para o interior equivalem mais ou menos a uma defrontação com o litoral. Basta se observar na costa Atlântica, por exemplo, as formas da Guiné-Bissau, do Marrocos, do Sahara Espanhol, da Serra Leoa, da Libéria, da Costa do Marfim, de Ghana, do Togo, do Dahomé (atual Benin), do Congo e de Angola.

Numa conclusão geral, a ocupação da África pelo europeu pode ser encarada dentro dos seguintes princípios:

- O princípio econômico, visando a assegurar mercados para a produção industrial e, ao mesmo tempo, fornecedores de matérias-primas. Daí haver Jules Ferry afirmado que "a política colonial é filha da política industrial";
- Dentro dos princípios correlatos da estratégia e do poder, visava-se ao domínio das principais rotas marítimas, assegurando-se pontos de apoio para a frota de guerra e de escala para a marinha mercante;
- Dentro do princípio da chamada "lei natural", visavam os europeus a buscar espaços na África, pois quem não crescesse deveria se resignar à decadência. Foi justamente esse princípio que levou Mussolini a dirigir a imigração italiana para territórios coloniais;

— Dentro do *princípio religioso-cristão* de ampliar a área de civilização ocidental, os europeus destruíram em grande parte o tribalismo, o poder dos chefes locais.

Por outro lado, os melhores horizontes, quer econômicos, quer culturais, oferecidos por estes mesmos colonizadores, atraíram muitos africanos, que, egressos de suas tribos se transformaram nos "*desarraigados*". Foram justamente os "*desarraigados*" que, integrando sindicatos, movimentos estudantis ou, como os "*criollos*" da América, estudando em universidades no exterior, se transformaram nos líderes que buscaram, via de regra, dar *independência a um território onde a nação ainda não havia sido implantada* e que na maioria ainda não se implantou.

Seguem-se, pois, apenas alguns exemplos, entre os quais o da Guiné-Bissau (36.125 km<sup>2</sup>), menor que o nosso Estado do Espírito Santo (39.557 km<sup>2</sup>), contando com cerca de 40 tribos. A República das Seychelles implantada em 1977 em 92 minúsculas ilhas, numa área de 376 km<sup>2</sup>; nela, os brancos falam o francês mas o idioma oficial é o inglês; 90% dos habitantes são católicos mas a região é dirigida por comunidade anglicana, e os negros, divididos em tribos, estão em maioria. No lado oriental a República de Djibuti, menor que Sergipe, é palco de luta entre afars e issas. No lado ocidental, a Guerra de Biafra, na Nigéria, mostrou a existência de várias nações num mesmo país. Ocorrendo o mesmo no Zaire, onde mais recentemente (1978) tivemos a questão de Shaba. Esses exemplos podem ser levados a inúmeros outros países africanos, destacando-se ainda a imaturidade que vem caracterizando a própria República da África do Sul através dos "*batustans*" ou "*homelands*", quistos coloniais oficialmente formados dentro do país.

Concluimos assim que não há continente que, à semelhança da África, se apresente tão *tendente a se subdividir ainda mais politicamente*. O imaturo processo geohistórico fez da África um *continente geopoliticamente inseguro*. E, nesse processo de revolução política, grande parte dos países africanos não poderá tão cedo se definir como tais no âmbito das Relações Internacionais. Muito embora, é interessante ressaltar, tenham *vaz ativa na ONU* para onde se pode entrar sem que haja um limite mínimo de território ou população, podendo agir em perfeita igualdade de decisão com o Brasil, por exemplo, que é o 7º país do mundo em população e o 4º entre os mais extensos.

#### 4 — SEPARAÇÃO POLÍTICA OU DESCOLONIZAÇÃO

Curiosamente, assim como o *pan-americanismo* projetado por Simão Bolívar tinha como propósito unir a América Espanhola... o *pan-africanismo*, dentro do mesmo sentido prático, também se regionalizou; sobretudo a partir de 1946 seu objetivo primordial era o da unidade para a África-Atlântica.

Pela unidade lingüística e religiosa, poderia Bolívar ser bem sucedido; o entrave que encontrou foi o da descentralização administrativa de que gozava a América Espanhola. Pela *diversidade lingüística-religiosa e, sobretudo, étnica*, ao la-

# ÁFRICA — PAÍSES INDEPENDENTES (1978)

PAÍS	NOME OFICIAL	CAPITAL	LÍNGUA OFICIAL	ÁREA (Km <sup>2</sup> )	DATA NACIONAL (INDEPENDÊNCIA)
África do Sul	República da África do Sul	Cidade do Cabo (Legislativa) Pretória (Administrativa)	Inglês e Afrikaans	1.221.037	31 de Maio (Proclamação da República)
Alto Volta	República do Alto Volta	Uagadugu	Francês	274.200	1958 (Indep.) 11 de Dezembro (Proclamação da República)
Angola	República Popular de Angola	Luanda	Português	1.246.700	11 de Novembro de 1975
Argélia	República Democrática e Popular da Argélia	Argel	Árabe Francês (semi-oficial)	2.381.741	5 de Julho de 1962
Benim (Antigo Dohomé)	República Popular do Benim	Porto Novo	Francês	112.622	1º de Agosto de 1960
Botswana (Antiga Betsuanaalândia)	República de Botswana	Gaborones	Inglês	600.372	30 de Setembro de 1966
Burundi	República do Burundi	Usumbura	Rundi (dialéto Bantú) Francês (semi-oficial)	27.834	1º de Julho de 1962
Capo Verde (Arquipélago)	República de Capu Verde	Praia (Ilha de S. Tiago)	Português	4.033	5 de Julho de 1975

do da variedade administrativa, muito menos chances teve Nkrumah ao se projetar como o "Bolívar Africano".

Assim como Bolívar não conseguiu ser na América Espanhola o único líder "criollo", Nkrumah jamais chegou a ser líder único dos Estados Unidos Negros do Atlântico. Isso porque, tanto na América Espanhola como na África Atlântica, o regime republicano atraiu a ambição de muitos.

Bolívar falhou, dentro dos princípios da maçonaria vermelha, querendo transplantar para a América um regime europeu — francês, no caso. Falhou Nkrumah quando, ao publicar o mapa dos Estados Unidos da África (1959), procurou, dentro de diretrizes geohistóricas inteiramente opostas, se basear na premissa — "se lá os 13 Estados decidiram se unir, porque não podemos nós fazer o mesmo?!"

Na América uniões efêmeras chegaram a se realizar ou foram planejadas; na África o mesmo fenômeno. Ghana, de colonização inglesa, tentou se unir à Guiné, de colonização francesa em 1958; esse "Canadá Africano" se desfez pouco depois. O RDA (Rassemblement Democratique Africain), ou União Guiné-Mali, foi igualmente efêmera (1956); como aconteceu com a Federação Mali (1959), que pretendeu unir o Mali, o Senegal, o Benin, o Sudão e o Alto Volta. Também não tiveram êxito a União dos Estados Africanos (1959), a União Sahel-Benin (1960), a Senegâmbia (1960), os Estados Unidos da África Latina (1959). Coincidentemente todas essas tentativas de união ou uniões efêmeras tiveram lugar entre países da África Atlântica.

Nem mesmo a "negritude" lançada em 1933-35 por Leopold Sedar Senghor, quando bem aceso se encontrava na Europa o chamado "arianismo", conseguiu unir a África Atlântica. Nem mesmo a colonização inglesa comum na Tanzânia, Uganda e Quênia, com certa unidade étnica, e o suahili, dialeto geral, conseguiu unir a África Oriental. Nem Portugal, imbuído do sentimento de unidade que tão bem transmitiu ao Brasil, conseguiu tornar coesos os seus territórios africanos.

Não nos cabe aqui analisar as vantagens ou desvantagens do nacionalismo sem nacionalidades implantado na África. A realidade é que o nacionalismo em alguns países negros se transformou, em parte, no ódio, não ao elemento colonizador propriamente dito, mas sim ao branco. E esse racismo de parte da África Negra ecoa no *apartheid* da Rhodésia e da República da África do Sul. Nacionalismo que em alguns desses países se envergonha de um passado que se não tivesse existido não estariam os países africanos, como estão, no âmbito das Relações Internacionais.

A América, muito ao contrário, não procurou apagar o passado colonial; assim o Brasil se mantém Brasil, a Colômbia homenageia seu redescobridor. Já a África em nome de um nacionalismo exacerbado vem implantando um autêntico festival de topônimos, pois Fernando Pó passou a ser Macias Nguema, Lourenço Marques é hoje Maputo, Fort Lamy é hoje N'Djamena, e talvez o lago Alberto, rebatizado como Idi Amim Dada, volte ao seu nome anterior. Dentro dessa insegurança... quo vadis, África?

PAÍS	NOME OFICIAL	CAPITAL	LÍNGUA OFICIAL	ÁREA (Km <sup>2</sup> )	DATA NACIONAL (INDEPENDÊNCIA)
Caméru	República Unida do Caméru	Yaundé	Francês e Inglês	475.442	1º de janeiro de 1961
Centro-Africano (antigo Ubangui-Chari)	Império Centro Africano	Bangui	Francês	622.984	3 de Agosto de 1958
Congo	República Popular do Congo	Brazzaville	Francês	342.000	15 de Agosto de 1960
Costa do Marfim	República da Costa do Marfim	Abidjan	Francês Diula (dialeto semi-oficial)	332.463	7 de Dezembro de 1960
Djibuti (antiga Somália Francesa)	República de Djibuti	Djibuti	Francês	21.783	27 de Junho de 1977
Egito	República Árabe do Egito	Cairo	Árabe	1.001.449	23 de Julho (Revolução)
Etiópia	Etiópia	Adis-Abeba	Amárico	1.221.900	13 de Setembro (Revolução Popular)
Gabão	República do Gabão	Libreville	Francês	267.667	17 de Agosto de 1960
Gâmbia	Gâmbia	Banjul	Inglês	11.295	18 de Fevereiro de 1962
Ghana (antiga Costa do Ouro)	República de Ghana	Acra	Inglês	238.537	6 de Março de 1957
Guiné	República da Guiné	Conacri	Francês	245.947	2 de Outubro de 1958

Para não entrarmos no terreno cultural, pois a África, a despeito dos "nacionalismos", se mantém, como a quase totalidade dos países do chamado "Terceiro Mundo", na mais estreita dependência da tecnologia estrangeira, vários países africanos estão longe de apresentar condições mínimas para uma autonomia econômica, por terem herdado o deserto ou mesmo uma área exígua.

Na África, autênticos *contrasensos geopolíticos* se refletem em zonas de atrito que se multiplicam pelo continente:

- No Oriente, a luta na *Cornucópia Africana* mostra uma Grande Somália impedida de se constituir; um deserto de Ogaden disputado em fronteira de fricção pela Somália e Etiópia; uma inversão de alianças da Somália e Eritreia; os árabes procurando ajudar os árabes para transformar o mar Vermelho em "mar árabe"; no meio de tudo a Rússia agindo, os Estados Unidos se omitindo e os judeus no compasso de espera;
- Ainda no Oriente *os problemas da Rhodésia e África do Sul*, dominadas por minorias brancas, tendo contra elas os "Cruzados do Continente Negro" (Tanzânia, Moçambique, Zâmbia e Botswana) que, como os Cruzados Cristãos, que tentavam libertar o Santo Sepulcro, também não se entendem.

E, assim, a Rhodésia vai se mantendo a despeito do "bloqueio econômico" imposto pela ONU, pois, como diz George Tracy, promotor das transações externas do país — "enquanto os políticos discutem no salão os comerciantes assinam contratos na cozinha". E, apesar da vigência do bloqueio, a estação de Victoria Falls, no noroeste da Rhodésia, se transformou no entroncamento ferroviário distribuidor de produtos que demandam a Zâmbia, sua "inimiga". Por sua vez, a Zâmbia comercia com a África do Sul, e Moçambique tem lucros com a Rhodésia através dos corredores de exportação da Beira e de Nacala. O governo de Moçambique, de outro lado, não deseja prescindir da fonte de divisas pela mão de obra que fornece para as minas do Rand na África do Sul.

Na *África Atlântica* três pontos cruciais:

- Ao norte, a *Frente Polisário*, formada por populações nômades vindas do *Sahara Ocidental* e refugiadas em território argelino, mostra que o conflito entre o Marrocos, a Mauritânia e a Argélia é notório. A questão envolve ainda a OTAN, pois esse litoral do antigo Sahara Espanhol, dividido entre o Marrocos e a Mauritânia, ao lado do arquipélago das Canárias, tem importância estratégica visto cobrir a saída do Mediterrâneo para o Atlântico;
- No sul, a questão da *Namíbia*, onde coabitam 11 tribos (sendo a dos ovambos a mais numerosa), se constitui em outra zona de fricção. Seu território é arenoso, mas o subsolo é rico como o do Sahara Espanhol; neste, mina de fosfato; naquele, urânio e cobre. Como o Sahara Espanhol o fator geoestratégico é também importante. Assim se a rota do Cabo, coberta pelo litoral da Namíbia, passagem de aproximadamente

PAÍS	NOME OFICIAL	CAPITAL	LÍNGUA OFICIAL	ÁREA (Km <sup>2</sup> )	DATA NACIONAL (INDEPENDÊNCIA)
Guiné-Bissau	República da Guiné-Bissau	Bissau	Português	36.125	10 de Setembro de 1973
Guiné Equatorial (antiga Rio Muni — Ilhas Fernando Pó, Corisco, Elobey e Annobón)	República da Guiné Equatorial	Malabo (ex-Santa Isabel)	Espanhol	28.051	12 de Outubro de 1968
Lesoto (antiga Basutolândia)	Reino de Lesoto	Maserú	Inglês e Sesoto (dialeto)	30.355	4 de Outubro de 1966
Libéria	República da Libéria	Monróvia	Inglês	111.369	26 de Julho de 1847
Líbia	República Popular Árabe da Líbia	Trípoli	Árabe Inglês e Italiano (semi-oficiais)	1.759.540	1951 (Indep.) 1º de Setembro (Revolução)
Madagascar	República Democrática de Madagascar	Tananarive	Francês e Malgaxe	587.041	1961 (Indep.) 28 de Maio (Dia da Liberdade Africana)
Malawi (antiga Niassalândia)	República do Malawi	Lilongwe	Inglês	118.484	6 de Julho de 1966
Mali (antigo Sudão Francês)	República do Mali	Bamako	Francês	1.240.800	22 de Setembro de 1960
Maurício (Arquipélago)	Mauritius	Port Louis	Inglês	1.865	12 de Março de 1968
Mauritânia	República Islâmica da Mauritânia	Nuackchott	Árabe e Francês	1.030.700	28 de Novembro de 1960

70% dos materiais estratégicos necessários aos países da OTAN, vier a ser bloqueada, o mundo poderá ver-se verticalmente cortado ao meio, mesmo que o canal de Suez não seja fechado;

- Se, no conjunto, o grande interesse da OTAN se prende a esses dois extremos da África Atlântica, no coração do continente, o Zaire, por sua riqueza mineral e posicionamento, tem grande importância no âmbito das Relações Internacionais.

Tem o Zaire, no oeste, acesso ao Atlântico em funcional corredor; no norte, sua fronteira com o Sudão parte numa linha reta em direção ao mar Vermelho. Daí a sua importância para os russos ante a possibilidade de um "cinturão de ferro" formado por Estados Comunistas desde o Atlântico ao mar Vermelho em diagonal desde Angola até a Etiópia. Daí a importância para a OTAN do Acordo de 1975 firmado entre o Zaire e a Alemanha Ocidental. Com a OTRAG (Sociedade de Transporte Orbital e de Foguetes), a OTAN, embora indiretamente, passou a ter um ponto de equilíbrio que se equaciona com as bases russas na Tanzânia.

Três vezes e meia maior que o Brasil, o continente africano encerra enormes riquezas em recursos naturais. No sul estão os grandes produtores de 13 minérios de suma importância, conferindo à região destacado papel geoestratégico no quadro das Relações Internacionais. Detentor de petróleo e outros minérios importantes, o Sahara, mantido geopoliticamente dentro da esfera de vários países africanos, transformou-se numa zona geoestratégica, onde a segurança da exploração e circulação devem ser absolutas.

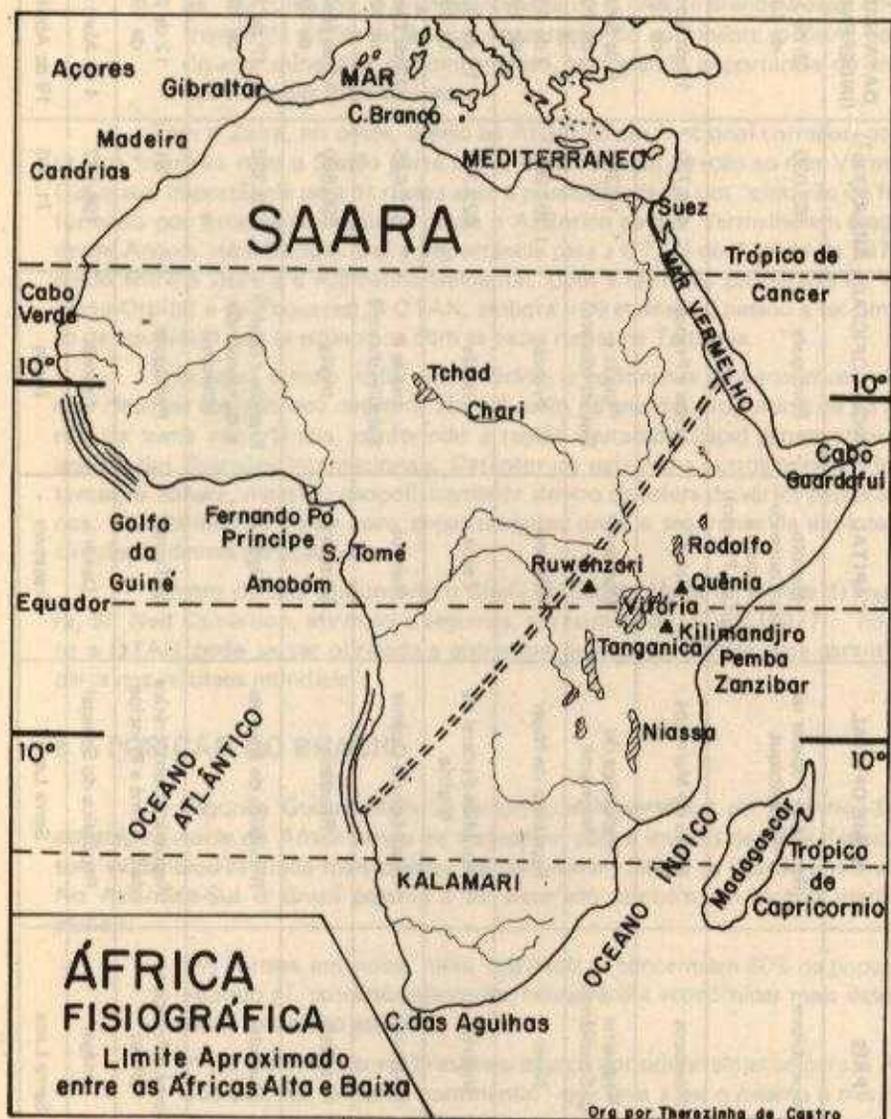
Dentro de tais conjunturas o Chefe de Estado Maior da Defesa da Inglaterra, Sir Neil Cameron, afirmava o seguinte, em reunião da OTAN (1977): "no futuro a OTAN pode se ver obrigada a entrar em guerras periféricas para garantir sua parte nos recursos mundiais".

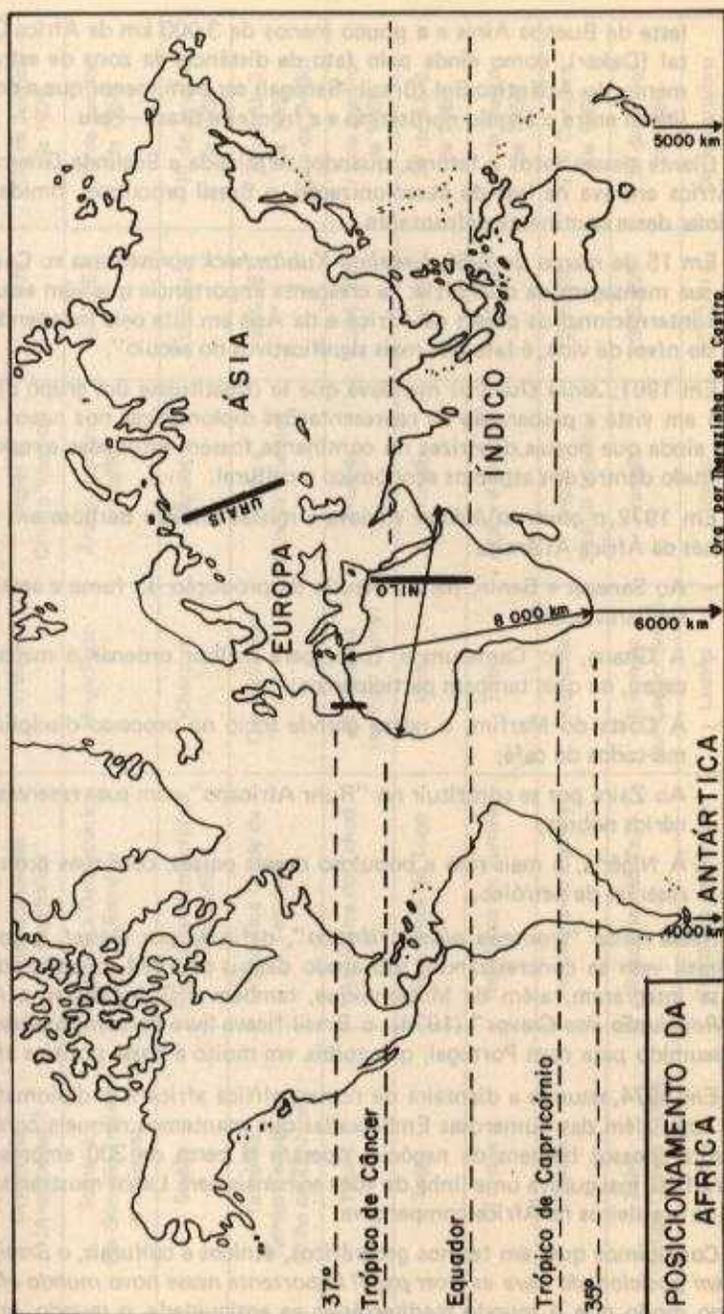
## 5 — POSIÇÃO DO BRASIL

A Segunda Guerra Mundial ressaltou a importância do Atlântico-Sul. O estratégico norte da África serviu de trampolim para a invasão da Itália. Na conjuntura evidenciou-se ainda mais o valor da rota Natal-Dakar na ligação direta aliada. No Atlântico-Sul o Brasil passava a ser encarado também em termos marítimos globais:

- 1ª) Porque em nossa faixa marítima se concentram 80% da população, estando aí, conseqüentemente, nossas áreas econômicas mais desenvolvidas (ecúmeno estatal).
- 2ª) O extenso litoral brasileiro avança consideravelmente para o Atlântico-Sul, no "entorce continental" que leva a ser o mesmo o meridiano de Lima no ocidente e Washington no oriente.
- 3ª) Esse "entorce continental" nos lança em direção à África, que podemos caracterizar pelo fato de Recife se encontrar a quase 4.000 km a

PAÍS	NOME OFICIAL	CAPITAL	LÍNGUA OFICIAL	ÁREA (Km <sup>2</sup> )	DATA NACIONAL (INDEPENDÊNCIA)
Mocambique	República Popular de Moçambique	Maputo (ex-Lourenço Marques e ex-Can Phumo)	Português	783.030	25 de Junho de 1975
Marrócos	Reino do Marrocos	Rabat	Árabe e Francês	458.730	18 de Novembro de 1961
Nagwame (antiga Suazilândia)	República do Nagwame	Mbanane	Inglês e Sisuati (dialeto)	17.363	6 de Setembro de 1968
Niger	República do Niger	Niamey	Francês	1.267.000	3 de Agosto de 1960
Nigéria	República Federal da Nigéria	Lagos	Inglês	923.768	1º de Outubro de 1960
Quênia	República do Quênia	Nairobi	Inglês e Suhlili (dialeto)	582.646	12 de Dezembro de 1963
Rhodésia	Rhodésia	Salisbury	Inglês	390.580	11 de Novembro de 1965
Ruanda	República de Ruanda	Kigali	Francês e Suhlili e Kinyarwanda (dialeto)	26.338	1º de Julho de 1962
S. Tomé e Príncipe (ilhas)	República Democrática de S. Tomé e Príncipe	S. Tomé	Português	61	12 de Julho de 1975
Senegal	República do Senegal	Dakar	Francês	196.192	4 de Abril de 1960
Serra Leoa	Serra Leoa	Freetown	Inglês	71.740	19 de Abril de 1961





leste de Buenos Aires e a pouco menos de 3.000 km da África Ocidental (Dakar); como ainda pelo fato da distância da zona de estrangulamento do Atlântico-Sul (Brasil-Senegal) ser bem menor que a do nosso litoral entre o ângulo nordestino e a fronteira Brasil-Peru.

Diante desses fatos e fatores, quando, terminada a Segunda Guerra Mundial, a África entrava na fase de descolonização, o Brasil procurava, timidamente, se aproximar desse continente defrontante.

Em 15 de março de 1959, *Juscelino Kubitschek* apresentava ao Congresso Nacional sua mensagem na qual dizia: "a crescente importância que vêm assumindo no campo internacional os países da África e da Ásia em luta pela independência e melhoria do nível de vida, é fato dos mais significativos do século".

Em 1961, *Janio Quadros* mandava que se constituísse um grupo de trabalho tendo em vista a preparação de representações diplomáticas nos novos países. Ordenava ainda que nossas diretrizes no continente fossem estudadas e reexaminadas, sobretudo dentro dos aspectos econômico e cultural.

Em 1972, o *governo Médici* enviava a missão Gibson Barbosa em visita a vários países da África-Atlântica:

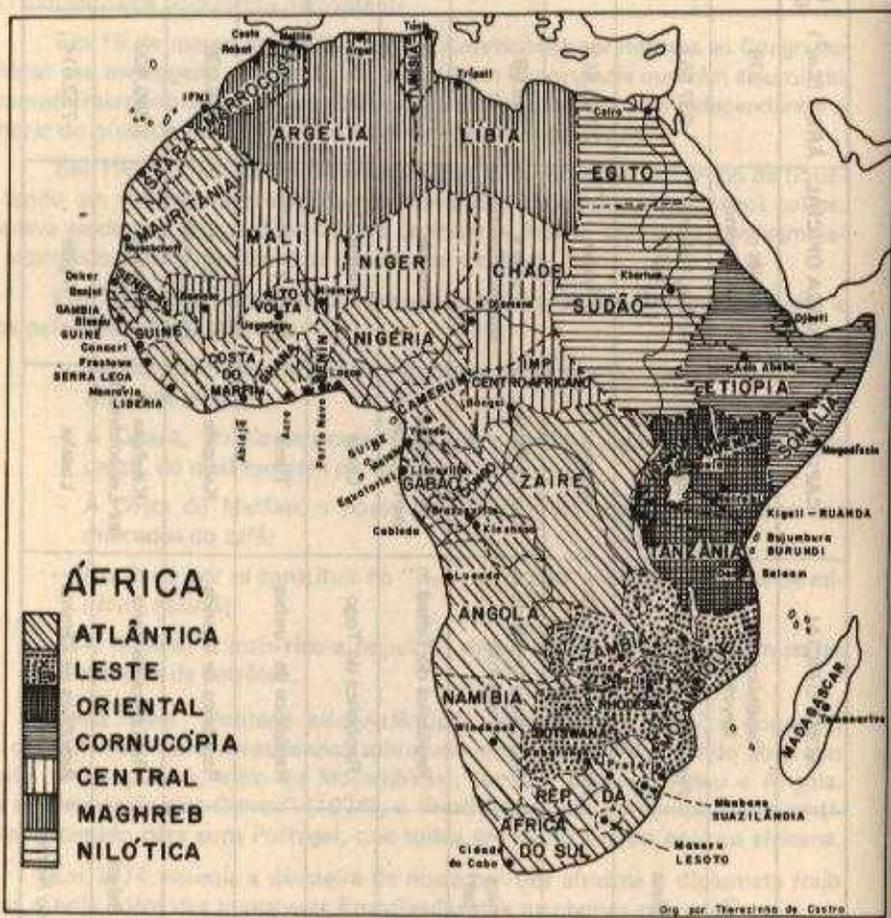
- Ao Senegal e Benin, para o estudo da produção do fumo e amendoim, similares nossos;
- A Ghana, ao Camerum e Togo, para melhor ordenar o mercado do cacau, do qual também participamos;
- À Costa do Marfim, o nosso grande sócio no processo disciplinar dos mercados do café;
- Ao Zaire por se constituir no "Ruhr Africano" com suas reservas de minérios nobres;
- À Nigéria, o mais rico e populoso desses países, com suas promissoras reservas de petróleo.

Nessa nossa "fronteira além-Atlântico", definida por *Geisel*, o comércio com o Brasil vem se concretizando, sobretudo depois de 1974, quando ao grupo visitado se integraram, além de Moçambique, também a Guiné-Bissau e Angola. Com a "Revolução dos Cravos" (1974), o Brasil ficava livre do compromisso sentimental assumido para com Portugal, que tolhia em muito a nossa política africana.

Em 1974, assumia a dianteira de nossa política africana o diplomata *Italo Zappa* e hoje, além das numerosas Embaixadas que mantemos naquele continente para orientar nossos homens de negócio, operam lá cerca de 300 empresas. Em 1977 a VARIG inaugurava uma linha de vôos semanais para Lagos mostrando que a presença de brasileiros na África compensava.

Concluimos que em termos geográficos, étnicos e culturais, o Brasil se encontra bem posicionado para exercer papel importante nesse novo mundo africano. Do mesmo modo que o mundo mediterrâneo na antiguidade, o mundo atlântico

PAÍS	NOME OFICIAL	CAPITAL	LÍNGUA OFICIAL	ÁREA (Km <sup>2</sup> )	DATA NACIONAL (INDEPENDÊNCIA)
Seychelles (Arquipélago)	República das Seychelles	Vitória	Inglês e Criollo (dialeto)	376	29 de Junho de 1976
Somália (ex-Somália Inglesa e Italiana)	República Democrática da Somália	Mogadíscio	Árabe, Italiano e Inglês	637.657	26 de Junho de 1960
Sudão	República Democrática do Sudão	Khartum	Árabe	2.505.813	1º de Janeiro de 1956
Tanzânia (antiga Tanganica e Ilha de Zanzibar)	República Unida da Tanzânia	Dar-Es-Salaam	Inglês e Suahili (dialeto)	945.087	26 de Abril de 1964 (Dia da União)
Tchad	República do Tchad	N'Djamena (ex-Fort Lamy)	Francês	1.284.000	11 de Agosto de 1960
Togo	República do Togo	Lomé	Francês	56.000	27 de Abril de 1960
Tunísia	República da Tunísia	Túnis	Árabe e Francês	163.610	20 de Março de 1956
Uganda	República de Uganda	Kampala	Inglês e Suahili (dialeto)	236.036	9 de Outubro de 1962
Zaire (antigo Congo Belga)	República do Zaire	Kinshasa (ex-Leopoldville)	Francês	2.345.409	30 de Julho de 1960
Zâmbia (antiga Rodesia do Norte)	República de Zâmbia	Lusaka	Inglês	752.614	24 de Outubro de 1964



possui certa unidade geostórica a que se superpõem as diferenças locais ou regionais.

No âmbito das Relações Internacionais, a nossa presença na África constitui, na realidade desse continente conturbado, uma *importante peça para a estratégia do mundo livre*.

## 6 - CONCLUSÃO

Vertiginosamente descolonizada, a África entrou na fase que podemos chamar de *"guerra tépida"*. Assim, é sempre notória a crescente importância das superpotências na África. Dentro, pois, do contexto geopolítico e geoestratégico, a *frágil África* transformou-se na mais nova arena para a política das superpotências.

É o continente com o *menor desenvolvimento econômico*, aquele que *menos população tem e mais atrasado está*, aquele que ascendeu à maioria depois de todos, tendo sido admitido na ONU em último lugar.

Aquele que, pela rapidez de sua evolução, *não conheceu a adolescência* que lhe teria proporcionado um pouco da indispensável experiência política. Por isso *regimes imprevisíveis* se instalam nas mais diversas regiões: imbúidos por contextos falsos de ideologias que mudam da noite para o dia; guiados por "pseudo-líderes" que falam em nome de uma nação formada por nações.

Se o historiador antigo Plínio vivesse, poderia ver quão atualizada estaria essa sua frase: "da África sempre surge algo de novo".

QUO VADIS, ÁFRICA?